

para que serve o pcp?
os anos da fundação
adelino cunha

Dedicado ao meu bisavô Adelino Cardoso Saraiva,
Sapateiro, músico e poeta popular.
À família de Grândola.

ÍNDICE

O SISTEMA DE IDENTIDADE DO PCP	11
1. MARXISMO	23
Ideias para mudar o mundo	25
O vagar e as insuficiências da disseminação	31
A febril impaciência do proletariado	34
2. MAXIMALISMO	41
A traição republicana	43
Os maximalistas e a revolução	47
O fogo sagrado da revolta	53
Lutar até à última gota de sangue	57
Uma ideia em marcha	60
3. ANARQUISMO	65
Anarquistas com outro nome	67
Um certo amadurecimento	73
O inevitável confronto ideológico	79
A originalidade portuguesa	84
4. COMUNISMO	89
O nascimento prometaico	91

Sem idealismo não há revolução	98
Uma crise (verdadeiramente) existencial	104
Os equívocos do partido uninominal	109
Não criemos ilusões perigosas	112
Nós queremos é varrer	118
Ditadura de ferro e fogo	122
A ditadura da classe operária	127
5. LENINISMO	133
Comunistas muito bizarros	135
A disciplina férrea de Lenine	141
Um exército de revolucionários profissionais	145
A expressão de uma superior consciência nacional	149
A ínclita geração	153
Apagados da história	163
O <i>Avante!</i> na defesa do proletariado revolucionário	169
O encerramento da bolchevização	175
Um partido fundado nas refundações	181
À PROVA DE FUTURO?	185
Mais digital, menos democracia?	187
Mais agitação, menos acção?	188
Mais informação, mais ignorância?	191
BIBLIOGRAFIA	193
DOCUMENTOS	201
PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS	203

O SISTEMA DE IDENTIDADE DO PCP



As imagens sombrias do rosto do czar Alexandre III são intercaladas em rupturas sucessivas com detalhes simbólicos que vão expressando o seu poder absoluto até que, subitamente, a estátua começa a ser devorada pela gloriosa tomada do Palácio de Inverno. Sergei Eisenstein e Grigori Aleksandrov estão não apenas a imortalizar artisticamente a revolução de 1917 no filme *Outubro* (1927), mas também a estabelecer uma ligação política e afectiva com os acontecimentos.

O século xx será em grande medida o século da ascensão da Rússia soviética e da sua posterior queda:

Nenhum outro império territorial na história conhecida alguma vez abandonou os seus domínios tão rapidamente, tão graciosamente e com tão pouco sangue derramado. Gorbachev não pode receber o crédito directo pelo que aconteceu em 1989 — não o planeou e só entendeu vagamente o seu significado a longo

prazo. Mas foi a sua causa permissiva e aceleradora.
Foi a revolução de Gorbachev.¹

Em Maio de 1990, quando Álvaro Cunhal, com os seus 77 anos, sobe à tribuna do XIII Congresso do PCP, toda a concepção visionária do século comunista encontra-se a fragmentar-se debaixo dos seus pés, sem que ninguém (absolutamente ninguém) tivesse sido capaz de antecipar a derrocada iniciada com a queda do Muro de Berlim no ano anterior:

Perante um tão profundo abalo e tão graves derrotas
do mundo socialista, para onde vai o mundo?²

Nas vésperas do golpe de Moscovo de 1991 e consequente implosão da pátria do socialismo, o que o secretário-geral do PCP ainda está a perguntar é se «o comunismo acabou?» Começara por acabar na República Democrata da Alemanha, e o vírus estava agora a espalhar-se por toda a Europa de Leste para depois infectar o coração da pátria de Sergei Eisenstein e Grigori Aleksandrov. De certa forma, sim, o comunismo estava a acabar, mas porque os partidos comunistas também estavam a acabar, ou seja, a força mobilizadora da interpretação e da orientação do marxismo-leninismo evaporava-se ingloriamente e arrastava consigo uma parte fundamental do século xx.

É igualmente verdade que o fim da União Soviética projectou uma certa perspectiva de fim da História com a vitória estrondosa do modelo capitalista e liberal norte-americano, mas aquilo que Álvaro Cunhal queria realmente alertar era para a perigosidade de «deitar fora o menino com a água do banho».

Dito de outra forma, apelava emocionalmente para que se evitasse enterrar o marxismo-leninismo com os regimes socialistas.

¹Judt, 2011, p. 713.

²Álvaro Cunhal, Intervenção de abertura no XIII Congresso extraordinário do PCP, Loures, Maio de 1990.

...

Em 1988, um discurso surpreendente de Michail Gorbachev nas Nações Unidas começou a abrir caminho para as sucessivas defenestrações dos partidos comunistas no leste europeu. O tecnocrata desconhecido que o Partido Comunista da União Soviética nomeara para reestruturar o sistema económico soviético decidira acelerar a história e libertar os países satélites da União Soviética da submissão à teoria da soberania limitada de Leonid Brejnev. Não tanto como penhor de um (inexistente) plano inicial genuíno de democratização, mas porque Michail Gorbachev assumira a missão de promover uma profunda reestruturação económica da União Soviética.

Como? Tentando mudar o sistema económico socialista dentro dos limites do socialismo.

Porquê? Para recuperar fôlego na corrida militar com os Estados Unidos:

A ideia da Guerra das Estrelas é uma ameaça não só para os nossos bisnetos, mas também para nós, para todos nós, para a humanidade inteira. Para quê correr esse risco?³

A ameaça militar perspectivava-se ainda em contornos difusos, mas o receio era bem real: a União Soviética esgotara as suas capacidades estruturais para enfrentar o poder do capitalismo na construção da sua apocalíptica estratégia global da Guerra Fria: a SDI (*Strategic Defence Initiative*).

Michail Gorbachev tentou ganhar tempo. Antecipou unilateralmente o fim dos ensaios com armas nucleares e anunciou a redução de *stocks* para obter simples garantias de previsibilidade quanto à conclusão da SDI e, assim, satisfazer as elites militares.

³ Gorbachev, 1988, p. 37.

Sabia que a entrada na corrida ao espaço nestes termos megalómanos levaria ao colapso financeiro da União Soviética antes de uma derrota militar:

É um monstro devorador [...]. Isso irá atingir a América, irá atingir todos os países que forem obrigados a participar nessa corrida.⁴

Não bastava anunciar e concretizar um novo pensamento para a paz mundial. Tinha também de reconhecer a impossibilidade de reformar a economia soviética para revitalizar a máquina de guerra na competição com os Estados Unidos, e para isso teve de libertar o leste em nome da liberdade de escolha:

The de-ideologization of interstate relations has become a demand of the new stage. We are not giving up our convictions, philosophy, or traditions. Neither are we calling on anyone else to give up theirs. Yet we are not going to shut ourselves up within the range of our values. That would lead to spiritual impoverishment, for it would mean renouncing so powerful a source of development as sharing all the original things created independently by each nation. In the course of such sharing, each should prove the advantages of his own system, his own way of life and values, but not through words or propaganda alone, but through real deeds as well.⁵

A etapa final da Guerra Fria começou a desenhar-se com este compromisso de que o Exército Vermelho deixaria de ser penhor armado dos regimes comunistas que há muito haviam perdido a sua eventual base social de apoio:

⁴ Gorbachev, 1988, p. 37.

⁵ Address by Mikhail Gorbachev at the UN General Assembly Session, December 07, 1988.

O mundo da guerra fria mudara a um nível fundamental [...]. Neste mundo não devia ser usada força, nem qualquer ameaça de força, a «liberdade de escolha» não devia «ter exceções», a ideologia não tinha lugar nas relações internacionais, e ninguém detinha o monopólio de verdade.⁶

O desmoronamento pode ser explicado pelos efeitos abrasivos provocados pela *glasnot* e *perestroika* nesse esforço de reformar a União Soviética dentro dos limites do socialismo, mas foram as palavras (o questionamento do passado) que demonstraram que o envelhecimento das lideranças políticas havia degenerado na própria senilidade do regime e, assim, denunciaram o poder das elites (*nomenklatura*) e o peso brutal de uma máquina burocrática do tipo feudal. Foram as palavras que libertaram a fronteira externa criada por Estaline no pós-guerra e confirmaram que a motivação ideológica já se tinha esgotado (o socialismo havia chegado)⁷:

A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam a nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenómenos mais característicos e lúgubres do final do século xx.⁸

Este livro não nasceu com o propósito de ser um livro, mas de uma necessidade. Começou por configurar-se com a publicação de dois artigos académicos sobre a entrada das ideias

⁶ Taubman, 2017, p. 446.

⁷ «At the Twenty-first Party congress in 1959 Khrutchev declared that the URSS had completed the “full and final construction of socialism”. In other word, communist was next», Taubman, 2003.

⁸ Hobsbawm, 1996, p. 15.

marxistas em Portugal e a sua difusão⁹, e o processo de formação do PCP no anarco-sindicalismo e consequente ruptura com os anarquistas¹⁰. O que permitiu depois publicar alguns artigos alusivos aos 100 anos do PCP nos jornais *Expresso*¹¹ e *Observador*¹² e na revista *Visão*¹³ e *Visão História*¹⁴. Um terceiro artigo académico completaria aquilo que pode ser designado como o sistema de identidade do PCP quando a Rússia invadiu a Ucrânia, em Fevereiro de 2022.

Tudo mudou porque mudaram as necessidades de interpretação.

Os artigos escritos para os jornais *Público*¹⁵ e *Expresso*¹⁶ começaram por obrigar a colocar um conjunto de questões sobre a natureza política da guerra e a sua justificação histórica, mas o que suscitou os maiores desafios foram as dificuldades reveladas pelo PCP em posicionar-se ideologicamente perante um conflito desencadeado no espaço geográfico e emocional da pátria do socialismo contra o velho inimigo imperialista (uma parte da resposta pode estar aqui). Aliás, essas dificuldades provocaram um impacto de tal forma forte na opinião pública que a poeira levantada estagnou todo o debate que estava a ser feito, e foi precisamente a procura de respostas para esta pergunta concreta que justifica a existência deste livro: o que é o PCP?

⁹ «The roots of the Portuguese Communist Party — The introduction of Marxist ideas in Portugal and the creation of the Portuguese Maximalist Federation», *Historia Contemporânea*, 64, 883-918, 2020.

¹⁰ «The anarchist origins of the Partido Comunista Português (PCP)», *Investigaciones Historicas. Época Moderna Y Contemporánea*, 42, pp. 981-1018, 2022.

¹¹ «O rival de Álvaro Cunhal que o PCP expulsou e apagou da história», *Expresso*, 7 de Maio de 2021, edição 2532, pp. 20-26

¹² «100 anos de história do PCP: para onde vai o comunismo?», *Observador*, 2021.

¹³ «O Outro lado de Álvaro Cunhal» *Visão*, n.º 7, Maio/Julho de 2021, pp. 68-75.

¹⁴ «Júlio de Melo Fogaça — O líder esquecido», *Visão História*, n.º 63, Fevereiro de 2021, pp. 30-31.

¹⁵ «Os russos também amam os seus filhos?», *Público*, 21 de Março de 2022; «O século XX ainda não acabou», *Público*, 9 de Maio de 2022, p. 14.

¹⁶ «Eichmann em Jerusalém. Shishimari em Kiev», *Expresso*, 3 de Junho de 2022, p. 38; «E se o PCP tiver razão?», *Expresso*, 15 de Julho de 2022, p. 36; «Paz obscena na Ucrânia», *Expresso*, 10 de Março de 2023, p. 38.

Este livro resulta dessa necessidade de compreender as turbulentas origens do PCP na dinâmica revolucionária da Rússia, a sua frágil e lenta bolchevização no cortar das raízes anarquistas e a posterior integração no movimento comunista internacional como fonte explicativa do mundo e de orientação para a tomada revolucionária do poder.

A organização dos conteúdos decorre de um quadro interpretativo baseado numa proposta de sistema de identidade do PCP e na sua complexidade, no sentido em que, não sendo suficiente descrever na totalidade as dinâmicas fundacionais (marxismo, maximalismo, anarquismo, comunismo e bolchevismo), devem considerar-se as suas interações, ou seja, o contributo de uma dinâmica torna-se no seu próprio resultado¹⁷. O que significa que a entrada das ideias marxistas em Portugal levou à fundação da Federação Maximalista Portuguesa por inspiração da Revolução Russa, a força vibrante do sindicalismo revolucionário viabilizou a fundação do PCP no anarquismo e a sua complexa e lenta bolchevização permitiu a sua integração definitiva na Internacional Comunista (IC)¹⁸. Esta criação orgânica do sistema identidade como fundamento existencial corresponde às partes que compõem este livro: marxismo, maximalismo, anarquismo, comunismo e leninismo.

Enquanto singularidade concreta do movimento comunista internacional, o PCP só pode ser explicado através da articulação das estruturas identitárias que constituem a sua particularidade.

¹⁷ Oxman, 2016.

¹⁸ A III Internacional Comunista resultou de iniciativa pessoal de Lenine para garantir a unidade, educação e disciplina de todas as secções do Comintern, aliás, na sequência da Liga dos Comunistas e da I e II Internacional, lideradas por Marx e Engels. Estas experiências seminais levaram à experiência da Comuna de Paris, a primeira tentativa de fundar um Estado operário. As resoluções da III Internacional resultaram na configuração do movimento comunista internacional através das respectivas secções nacionais, isto é, a internacionalização da luta do proletariado inspirada pelas conquistas da revolução bolchevique e orientada para o combate ao capitalismo mundial. Lenine classificava a I Internacional como o momento de lançamento das bases da luta proletária internacional pelo socialismo e a II Internacional como a preparação do terreno para a extensão do movimento de massas para outros países.

Num certo sentido, o sistema de identidade corresponde ao imaginário colectivo acumulado pela experiência individual de cada homem e de cada mulher acumuladas ao longo destes mais de cem anos e permite que o PCP exista para lá do tempo atómico.

Os comunistas (todos os comunistas) foram educados a acreditar numa certa perspectiva da realidade baseada numa longa história de combate e numa bolha de valores sólidos que dificilmente permite avaliar formas diferentes de fazer as coisas quando essas coisas (o mundo) estão identificadas desde 1921:

A constituição de uma comunidade de formação pela acção pedagógica e homogeneizadora da Internacional Comunista (1919-1943), a circulação intensa de quadros, conselheiros e militantes em grande escala, a difusão do mito histórico da «construção do socialismo» e da reorganização do mundo conhecido por uma revolução proletária, objecto de uma curiosidade e de uma hostilidade universais — todos estes elementos, e ainda outros, são constitutivos do fenómeno comunista no século xx.¹⁹

É também por isso que o PCP continua a sobreviver às narrativas de catástrofe (incluindo a grande derrocada 1989-91 e a morte de Álvaro Cunhal em 2005) e, assim, resistir à conversão do novo milénio: é a energia semântica do marxismo-leninismo que construiu nestes cem anos e onde continua ancorado o sistema de identidade:

O PCP é filho da classe operária. Se secassem as suas raízes de classe estaria condenado a envelhecer, a de-
finhar e a morrer. A classe operária é para o Partido a fonte da vida e do permanente rejuvenescimento.²⁰

¹⁹ Ducoulombier, 2014, p. 13.

²⁰ «Álvaro Cunhal e a construção do Partido», Armindo Miranda, membro da comissão política do comité central do PCP, *O Militante*, n.º 375, Novembro/Dezembro de 2021, pp. 7-9.

Na actualidade, o marxismo-leninismo significa que o PCP continua a ser orientado por uma teoria revolucionária que ajuda a explicar o mundo e indica o caminho para a sua transformação, tendo em vista a construção de uma sociedade socialista, isto é, uma sociedade sem explorados nem exploradores:

O PCP é um dos mais importantes partidos comunistas, apesar de tudo resistiu ao desaparecimento da União Soviética e das derrotas do socialismo e mantém uma influência significativa, nomeadamente no mundo do trabalho. Um «case study», dirão alguns, ao mesmo tempo que vão avançando a explicação para o mistério.²¹

Quando se deixou perguntado *o que é o PCP?*, deve agora ser dito que a natureza original do comunismo português começa com a originalidade do seu processo fundacional e consolida-se depois nas décadas da ilegalidade que forjaram uma mentalidade colectiva em toda a glória e sofrimento de um Partido clandestino e periférico.

A singularidade do comunismo português é um mantra que ultrapassa largamente o espírito das épocas porque nunca se deixou cristalizar na utopia e no dogma soviéticos. É uma singularidade que decorre da profunda portugalidade do PCP (sem nunca ter deixado de ser internacionalista) reafirmada por Álvaro Cunhal em 2001:

A expressão «partido patriótico e internacionalista» tem plena actualidade neste findar do século xx. Pode, na atitude internacionalista, incluir-se, como valor, a luta do próprio país e, como para a luta no próprio

²¹ «Álvaro Cunhal e a construção do Partido», Armindo Miranda, membro da comissão política do comité central do PCP, *O Militante*, n.º 375, Novembro/Dezembro de 2021, pp. 7-9.

país, a relação de solidariedade para com os trabalhadores e os povos doutros países.²²

A singularidade tornou-se consciência activa (a couraça) de uma máquina que sobreviveu à morte do velho comunismo soviético para depois superar o próprio fim da História.

Ainda que temperado com a fidelidade a Moscovo nas grandes questões que se colocaram dentro do movimento comunista internacional, o PCP (sem nunca ter caído na tentação do eurocomunismo) teve sempre a sua própria interpretação do modelo marxista-leninista baseada na luta concreta em Portugal.

O sucesso do sistema de identidade explica-se mais pela capacidade dos comunistas em preservarem esta identidade baseada na necessidade da sua existência como o partido da classe operária e menos na sua capacidade de interpretar as mudanças sociais de cada época. Trata-se da perspectiva do tempo longo, ou seja, a perspectiva do PCP como necessidade histórica antes de existir o *próprio* PCP e da sua integração orgânica com os restantes destacamentos orientados por Moscovo (tanto por motivos de coordenação internacionalista como de sincera solidariedade fraternal na construção do socialismo).

Se for agora perguntado se continuará assim, se o PCP resistirá à conversão em comunismo de entretenimento das sociedades *tik-tok*, teremos de aguardar pelos próximos cem anos de uma máquina programada para «uma realidade que corresponde a uma concepção de princípio leninista e que a prática revolucionária moldou e transformou em cultural partidária tão naturalmente assumida como o ar que se respira» (*Momentos de vida e luta do PCP — 1921-2006*).

Quando os realizadores soviéticos recorrem ao Efeito Kuleshov para superar a fragmentação do czar com a sequência intercalada

²² Albano Nunes, «O centenário do PCP: afirmação, respeito e ódio», *O Militante*, Maio/Junho de 2021, n.º 372, pp. 9-12.

dos homens e das mulheres em luta, estão a narrativizar emocionalmente o nascimento revolucionário do primeiro Estado socialista. A intencionalidade narrativa é a tomada de consciência do povo como herói colectivo. O triunfo do determinismo histórico do marxismo-leninismo.

Poderia ser agora perguntado, porque é que o PCP continua a ser o derradeiro partido puramente marxista-leninista da Europa?, mas a singularidade do centenário ultrapassa uma simples enumeração de planos reféns do presente contínuo. Sendo verdade que os regimes comunistas do século xx estão mortos, talvez o PCP seja a demonstração de que os «anos que o gafanhoto comeu»²³ ainda não devoraram o marxismo-leninismo.

Verão de 2023

²³ Judt, 2014, p. 13.